

Música, conversão e ativismo entre os evangélicos¹

Music, conversion and activism among evangelicals

Márcia Leitão Pinheiro²

RESUMO

A música tem relevante presença no serviço religioso de igrejas e grupos evangélicos no Brasil. Este artigo, a partir de pesquisa qualitativa, apresenta as possibilidades da atividade musical. A conversão é uma delas, haja vista a música gospel, categoria registrada desde os anos 1990, que compreende a apropriação de estilos sonoros seculares. Essa modalidade também se destaca por iniciativas voltadas à reflexão acerca das desigualdades de raça e gênero, integrando um cenário caracterizado por uso de categorias correntes em movimentos sociais. As atividades musicais abordadas terminam por favorecer tensões públicas relacionadas com posicionamentos acerca das diretrizes religiosas.

Palavras-chave: música, gospel, conversão, raça, gênero.

ABSTRACT

Music has a relevant presence in the religious service of churches and evangelical groups in Brazil. This article, based on qualitative research, presents the potentials of musical activity. Conversion in one of them, whereas gospel music, as a category registered in Brazil since the 1990s, comprises the appropriation of secular sound styles. This modality also stands out for initiatives aimed at reflecting on race and gender inequalities, is part of a scenario characterized by the use of current categories in social movements. The musical activities addressed end up supporting public tensions related to positions about religious guidelines.

Keywords: music, gospel, conversion, race, gender.

¹ Agradeço à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), pelo apoio ao projeto de pesquisa “Reparação e reconciliação: alianças e ações para a ultrapassagem da escravidão e seus efeitos no Rio de Janeiro”. Igualmente agradeço ao Iesp/Uerj o apoio ao desenvolvimento da pesquisa.

² Doutora em Ciências Humanas (Antropologia Cultural) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (Uenf). E-mail: marcialpx@hotmail.com

Introdução

A pesquisa sobre música no meio evangélico aponta para a relevância de trabalhos realizados fora dos templos, sobretudo com eventos voltados a afirmar o vínculo religioso e/ou impulsionar a conversão. Esse cenário tem a ver com a apropriação de expressões musicais contemporâneas, caracterizando aquilo que tem sido identificado por *música gospel*. Essa iniciativa qualifica certo serviço religioso, conduzido por missionárias/os e cantoras/es negras/os, que atuam, muitas vezes, de modo independente (Pinheiro; Farias, 2019; Pinheiro, 2007; 2006).

É inegável o crescimento evangélico nas camadas populares, nas quais há forte presença de negros (pretos e pardos), sendo a *música gospel* entendida como importante meio de atuação religiosa. Há atores e atrizes que buscam registrar que suas iniciativas estão adequadas com as diretrizes institucionais, mas, em alguns casos, apontam conflitos com as lideranças por causa da adoção de estilos sonoros seculares, incluindo as expressões musicais afrodiáspóricas.

Apesar de haver igrejas que afrontam as religiões de matrizes africanas, existem outras, bem como grupos, que têm levantado questões inversas e atuam a fim de confrontar o *racismo religioso*, que afeta a religiosidade e a espiritualidade negras, e a subordinação feminina, explicitando a ligação disso com as teologias em curso nas igrejas. Esses grupos e igrejas terminam, então, por externar como essas questões aparecem como incontornáveis no meio evangélico (Reina, 2017; Burdick 2013; Costa, 2013; Pinheiro, 2009; 2007; 2006). Tal cenário religioso conta ainda com a participação de compositoras/es e cantoras/es que cooperam com a perspectiva de uma religião não alheia às questões históricas.

Este trabalho aborda a atividade musical como central para a compreensão da dinâmica evangélica, observando, de um lado, como ela demarca um agir que tem por foco a evangelização. De outro, coopera para uma religiosidade não alheia às questões sociais e que externa o confronto com o conservadorismo religioso cristão, que corrobora o movimento contra os direitos pluralistas (Machado, 2021; Cunha, 2017), sobretudo ao problematizar raça e gênero. Destacarei como essas iniciativas musicais descortinam tensões públicas, seja pertinente ao resguardo das fronteiras religiosas, seja com a visão de mundo cristã. Igualmente observarei a específica articulação com elementos e atores não religiosos, incluindo uma gramática civil, que é peculiar aos movimentos sociais.

Recorrerei a pesquisas de campo sobre música gospel, que vem sendo realizadas desde o final de 1990, e sobre reparação histórica da escravidão, conduzida desde 2019, questão presente no movimento negro, assim como no meio evangélico. Sua elaboração compreende um conjunto de procedimentos e fontes, tais como: observação e entrevistas em profundidade; canções que integram publicações discográficas e outra disponível em *site* de evento religioso, que será igualmente abordada; material de imprensa sobre o tema música e religião, artigos acadêmicos sobre teologia, assim como depoimentos e textos produzidos por lideranças evangélicas sobre esses temas.

O artigo apresenta, na introdução e na seção seguinte, a *música gospel*, considerando sua relevância no meio evangélico, a variação *música negra gospel* e a especificidade de sua composição e sua relação com as práticas de evangelização.

A terceira parte focaliza como a questão racial é enfrentada no meio evangélico, contemplando canções, de modo a explicitar articulações entre raça e gênero. A quarta aborda como essa temática está imbricada com a reflexão acerca da teologia e da espiritualidade negras. A quinta se volta à relação entre cristianismo, segregação e assimilação no meio evangélico. Na conclusão, considerando as canções e os tensionamentos acerca do racismo e da teologia hegemônica, apresento as considerações finais.

1. Música e evangelização

A disseminação do protestantismo no Brasil conta com histórico de atividade musical, haja vista a produção de hinários, fortemente difundidos entre os fiéis e convertidos, de gravações de salmos por cantores que receberam impulso de igrejas históricas e de missão, como, por exemplo, a Igreja Batista, e ainda o uso de projetores para a difusão de hinos durante o serviço religioso (Pinheiro; Farias, 2019; Pinheiro, 2006).

Além disso, houve a formação e a atuação de grupos musicais paraeclesiais, por volta dos anos de 1960, que utilizaram instrumentos elétricos e expressões musicais populares, visando promover a evangelização de jovens. Essa inovação possibilitou, na década de 1980, a inscrição do *rock* com a finalidade também de atingir os não convertidos. Ainda houve a organização e a vigência de gravadoras, impulsionadas por igrejas, por empresários e políticos, e iniciativas independentes que contribuíram para a apropriação de diferentes expressões musicais: forró, axé, *funk*, *rap*, entre outras. Essas musicalidades passaram a ser designadas *música gospel*, terminologia empregada a partir de 1990, conforme apontam pesquisas realizadas (Bandeira, 2017; Pinheiro, 2007; 2006; 1998).

A *música gospel* tem sua origem ligada às igrejas afro-americanas, que registram modos de resistência à escravização e de experiências religiosa e espiritual (Reagon, 2001; Young, 1997). Porém, essa categoria, no Brasil, passou a ser utilizada, ao invés de *música cristã*, definindo os diferentes estilos apropriados, as canções, artistas e práticas voltadas à evangelização, ao louvor e adoração. Ela ainda é utilizada para caracterizar empreendimentos de gravadoras, rádios evangélicas, empresas de eventos, entre outros (Pinheiro; Farias, 2019; 2006; Bandeira, 2017; Reagon, 2001).

Esse gênero musical registra também o *funk gospel*, que um grupo de adeptos da igreja metodista compôs, nos anos de 1990, ao manter conexão com um produtor de bailes *funk* (Pinheiro, 1998). O Grupo *Yehoshua*, formado por seis jovens metodistas residentes no subúrbio do Rio de Janeiro, alguns

conhecedores de bailes *funk*, lançou o LP *Sangue Bom* (Yehoshua, 1992), contendo oito canções que expressam as influências da música eletrônica, do *funk* e do *soul*. O grupo buscava realizar seu trabalho missionário entre as juventudes periféricas, apresentando a possibilidade de uma nova vida. Para tanto, algumas faixas são versões de hinos e salmos – com o uso de teclado, do baixo e algumas mixagens, outras são canções compostas por uma de suas integrantes. Em geral, o álbum fala em salvação, esperança, transformação individual e como isso seria diferente da fome, uso de drogas e práticas violentas (Pinheiro, 1998).

O *funk gospel* também era central na atividade missionária de César´EL, um jovem negro convertido à Assembleia de Deus e que depois passou para a Igreja Renascer. Seu LP *Pescador de almas* (César´El, 1997), com dez faixas, é baseado em versões de *rap* que faziam sucesso à época, como, por exemplo, o *Rap da felicidade*, autoria de Cidinho e Doca, que fala sobre desigualdades sociais, violência e o desejo de viver feliz na favela (Silva; Peixoto, 1994). Em geral, as canções de o *Pescador de Almas* falam em evangelização, conversão religiosa, transformação de vida, enfrentamento do mal, abandono de crianças e o uso de drogas (Pinheiro, 1998).

Para compreender esses dois trabalhos, lançados nos anos de 1990, cabe evidenciar a relevante presença do *funk* que, desde os anos de 1980, marca a sociabilidade juvenil do subúrbio e das periferias do Rio de Janeiro, havendo a realização de numerosos bailes. No entanto, o *funk* terminou por ser mais divulgado a partir das páginas policiais porque relacionado com a violência e o tráfico de drogas. O *funk gospel* passou a expressar a proposta de diversidade de ação no meio evangélico, levando mensagens de fé e esperança a um segmento da população. Sua concepção ainda visava confirmar que a religião evangélica seria capaz de transformar moralmente algo considerado profano e mundano.

A história da música evangélica registra também outro subgênero: a *música negra gospel* ou *black gospel music*. Pinheiro (2006) constatou que a *música negra gospel* seria produzida por jovens evangélicos que valorizavam influências musicais afro-americanas (*soul, funk, rap e rhythm & blues* – r&b) e nacionais (como os cantores Carlos Dafé, Cassiano, Toni Tornado, Tim Maia, Racionais Mc, Gerson King Combo e outros). Apesar da citação de artistas seculares brasileiros, a musicalidade negra norte-americana seria central, referendando o vocábulo *gospel*.

Alguns atores envolvidos com a *música negra gospel* afirmam que a sua origem estaria ligada com as canções entoadas por escravizados submetidos ao trabalho nas lavouras, que “clamavam a Deus por socorro” –, sendo conhecidas por *spirituals*. Quando reunidos nas igrejas, suas canções passaram a ser chamadas de *godspell*, e depois *gospel*, sendo importante componente nas igrejas negras norte-americanas (Pinheiro, 2007; 2006, p. 166, 167, 168).

Pinheiro (2009; 2007; 2006) observou que essa música embasava a composição de um serviço musical-religioso no subúrbio do Rio de Janeiro, principalmente, nos finais de semana. Em clubes e casas de festa, eram realizados

eventos denominados por *feira gospel*, privilegiando musicalidades relacionadas com as juventudes periféricas – pobres e negras. Alguns dos frequentadores destacavam a importância da atividade para a audição musical, para dançar e conversar, sobretudo diante da restrita oferta de lugares de lazer para os jovens evangélicos.

Seus organizadores afirmavam que a atividade não ocorria nos templos religiosos, porque a liderança não entenderia aquilo como adequado ao espaço institucional, pois não corresponderia à sua concepção de *seriedade*, de moralidade contida e das sensibilidades individuais – difundidas como requisitos de expressão institucional. Outros asseguravam que artistas e missionários/as convidados/as evocavam a divindade, faziam testemunhos considerados *impactantes* e relevantes para compartilhar sua experiência de fé. Assim, os responsáveis pela atividade buscavam demarcar que o encontro entre os frequentadores ultrapassava sua satisfação sensual. Ali seria, então, um *ambiente saudável*, pois voltado à *adoração e evangelização*, confirmando o *ethos* religioso (Pinheiro, 2006, p. 116, 155).

Pinheiro (2006) entrevistou diversos artistas da *black gospel music*. Um deles foi Francisco JC: negro, oriundo de família evangélica, casado, 30 anos de idade à época, cantor de *música negra gospel* e organizador de *feira gospel*. Ele contaria com a vivência em coral religioso, porém, afirmava que os ritmos considerados negros não eram permitidos na igreja; quando mais jovem ampliou seu referencial musical, ao se relacionar com grupos musicais que surgiam no meio religioso, entre os anos 1980/90, com propostas sonoras inovadoras, como o *jazz* e o *rhythm and blues*. Já adulto, Francisco JC produz trabalho autoral baseado na *black music* (Pinheiro, 2006, p. 63, 64, 97), como, por exemplo, a letra, reproduzida abaixo, presente no CD *Minha vida não para* (Onorato Filho, 2004).

Esse trabalho, lançado em 2004, conta com nove canções que falam sobre superação, resistência, mundanidade, fé e conversão religiosa. A canção abaixo, que tem o mesmo título do álbum, expressa as referências que o trabalho musical tem no *soul* e a participação de um conjunto de apoio formado por vozes masculinas. Sua letra diz o seguinte:

Minha vida não para

Vou falar do JC outro cara que há muito tempo aqui
 Se entregou, se humilhou, sua vida deu e você o rejeitou
 Mais de 2000 anos se passaram
 Toda dor e sofrimento nos condicionaram
 Agora obstáculo pra mim é nada
 Se o inimigo se atrever hoje toma na lata
 E digo: sai da minha frente
 Hoje eu não vivo mais carente
 Tô armado, tô de 12, tô de HK
 Minha vida não para Minha vida não para
 Se vc bem deixar sua vida Ele pode transformar
 Mas se não pode crer O inferno vai estar a te esperar

Saque isto, esse mundo é nada O diabo é lixo e quer te levar pra lata
Tô te indicando a solução
Olha que o paiol está em suas mãos
E diga, sai da minha frente Hoje eu não vivo mais carente
Tô armado, tô de 12, tô de HK Calibre unção vai te pegar
Se já sabe a diferença entre certo e errado
Toda influência de amor e pecado
E não adianta me olhar de lado
Como se eu estivesse errado (preste atenção) (não demore não)
Sua vida está por um fio
Aceite este desafio
Arme-se, prepare-se
E diga sai da minha frente...
Calibre unção vai te pegar.

A letra veicula o elemento motivacional, ao divulgar e buscar fortalecer a concepção de ser a conversão a via de transformação da existência, de enfrentamento das adversidades. Ela registra elementos do contexto armamentista, que figuram como recurso linguístico, pois a mensagem deve ser direcionada aqueles submetidos a um cotidiano que favoreceria e favorece conhecer os dispositivos bélicos. Porém, eles, os ouvintes, poderiam ser tocados por uma força de esperança e transformação de vida (Pinheiro, 2006, p. 173, 174).

Todavia, não havia, por parte de alguns organizadores de *música negra gospel* e das atividades citadas, discussão e posicionamentos explícitos sobre a questão racial, a escravidão e como a cultura negra seria concebida nas igrejas evangélicas. Porém, outros atores observavam que aqueles identificados com a *música negra gospel* enfrentavam um “trabalho árduo” e muito faziam para “conquistar o nosso espaço”. Um jovem envolvido com a organização de *feira gospel* dizia querer “mostrar pro negro que ele também pode ter uma parada pra ele também na igreja: ‘oh, isso aqui é teu, meu irmão, a parada também é sua” (Pinheiro, 2009; 2007; 2006, p. 180).

O apoio empresarial e institucional é um ponto relevante e afeta as carreiras no meio evangélico como, por exemplo, os cantores Álvaro Tito e Adhemar de Campos, que apresentaram repertório identificado com o *gospel* afro-americano. Eles cooperaram com a música *black gospel* no Brasil, nos idos dos anos de 1980, porém houve consequências. A biografia de Álvaro Tito evidencia como ele enfrentou dificuldades para a aceitação de seu trabalho por pastores brasileiros (Tavares, 2012). Isso seria um exemplo da convivência tensa e/ou retoricamente negacionista da cultura de outros segmentos sociais, configurando a parcialidade desse meio religioso (Mafra, 2011).

2. Meio evangélico e questão racial

No âmbito da *música negra gospel* há ações empreendidas por leigos e líderes religiosos que visam valorizar e aproximar o repertório teológico e doutrinário

das expressões culturais negras, integrando um cenário bem complexo de reflexão e ação acerca do racismo.

O meio evangélico conta com diversos movimentos voltados à questão racial, podendo ser citadas as ações da Igreja Metodista, nos anos de 1970, com a criação de pastoral voltada ao combate do racismo. Depois disso, mulheres negras cristãs e lideranças negras constituíram fóruns de reflexão acerca do racismo nas igrejas. Tais iniciativas cooperaram para o surgimento do movimento negro evangélico (MNE), no início dos anos 2000, sendo formado por coletivos de diferentes igrejas e que hoje está presente em diversos estados, como, por exemplo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul e Paraná.

Em geral, o MNE problematiza a questão racial nas igrejas evangélicas ao considerar a relação entre colonização e cristianismo (Costa, 2013; Pinheiro, 2009; Burdick, 2001). O MNE diz apoiar as reivindicações de medidas inspiradas em *políticas de ação afirmativa* para diversificar os seminários teológicos, com impacto na formação de liderança negra. Ele ainda enfatiza a necessidade de *reparações* por ação e omissão das igrejas diante da escravidão e do racismo, devendo também compreender a alteração da teologia e de doutrinas (Pinheiro, 2009; 2006). Voltarei a esse ponto mais adiante.

Apesar de sua agenda de superação do racismo e de reconhecimento da negritude nas igrejas evangélicas (Silva, 2011), o início do movimento negro evangélico (MNE) foi marcado pelo desafio de proximidade com o movimento negro (MN), pois alguns entendimentos cooperaram para isso: entre os evangélicos, o racismo seria negado em prol de uma concepção de irmandade religiosa – posição que ainda persiste fora de coletivos de evangélicos antirracistas. Haveria ainda a proximidade entre o movimento negro e as religiões de matrizes africanas, que são historicamente discriminadas. Por sua vez, o movimento negro considerava que os negros evangélicos terminavam por seguir uma religião considerada colonizadora (Burdick, 2013; 2001; Costa, 2013; Pinheiro, 2009).

A relação entre os evangélicos e o movimento negro tem sido tensa há muito, mas integrantes do MNE do estado do Rio de Janeiro recentemente me concederam entrevistas e falaram sobre esse tema. Elas/es afirmam que o MNE é um movimento social e visa atuar contra o racismo, considerado um *pecado*, o extermínio das juventudes negras e as discriminações. Parece que estes são alguns pontos de identificação com os movimentos negros, que apresentam uma agenda que historicamente vem sendo construída no país com a inscrição de ações, demandas, sujeitos, mobilização racial, orientação e organização política (Gomes, 2020; Domingues, 2007; Santos; Barbosa, 1994; Gonzalez, 1982).

Os entrevistados ainda falaram que no MNE é entendido que a identidade negra tem sido discriminada e com isso a espiritualidade negra evangélica é solapada. Porém, vem sendo disseminada a concepção de que a origem do cristianismo não seria a Europa, mas as igrejas primitivas da África e o cristianismo vem a ser entendido como *religião de matriz africana*. Desse modo, não é estranha a mobilização das expressões *intolerância religiosa* e *racismo religioso* para

ressaltar o impacto do racismo nas igrejas. Os dois conceitos também são utilizados por afroreligiosas/os que buscam demarcar a especificidade dos ataques e violações às religiões de matrizes africanas e a seus membros. Isso ocorre porque a categoria *intolerância religiosa* é considerada insuficiente para explicitar a violência praticada não somente por causa da negação de direitos, mas por estar articulada com o racismo que organiza a sociedade brasileira (Miranda, 2021).

A atuação de coletivos evangélicos antirracistas não deixa de compreender a música. Em 2021, o movimento negro evangélico de Pernambuco (MNE/PE) organizou o fórum “Fé, Racismo e Igreja: a fé que nasce na experiência”, voltado a ressaltar que “a fé que habita na Teologia Negra, nasce da experiência do povo negro na história”. O encontro reuniu teólogos, fiéis, pastoras/es, acadêmicas/os e missionárias/os e falaram sobre racismo na igreja e na sociedade, em *exclusão*, espiritualidade negra e sobre a figura de um *Jesus negro* – temas pouco abordados nas igrejas evangélicas. Durante o evento uma cantora se apresentou e suas canções ilustram bem o tema do encontro (MNE/PE, 2021).

Laiane Borges é negra, moradora de Salvador, criada na Igreja Batista, onde aprendeu a cantar e a tocar instrumentos e atualmente é bacharelanda em Canto Popular na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Em entrevista a mim concedida, em 2022, a jovem cantora informou algumas de suas influências: a audição da compositora, cantora e escritora soteropolitana Luedji Luna, que aborda em suas obras a presença e a visibilidade do corpo negro no mundo, assim como outros elementos como afetividade, amor e humanidade. Ela conta ainda conhecer a literatura feminista e ter participação em grupos formados por evangélicas/os voltados à reflexão sobre fé e política – com visão crítica sobre religião e despolitização – como da Igreja Batista de Coqueiral, em Pernambuco.

A cantora afirma que busca compor e cantar aquilo que sente, que expressa algo de si, e, durante o fórum, ela interpretou a composição *Amenidades*. Esta integra o álbum *Transborda*, que é de Rúbia Divino – profissional carioca e radicada na cidade de Maringá, cujo repertório é classificado como *afrodiaspórico* (Divino, 2021).

Laiane escolheu a canção por considerar que ela favorece expressar o desejo enfrentado diante das questões cotidianas. A letra veicula uma visão sobre a violência estatal, preconceito e desigualdades, cooperando para a compreensão daquilo que impacta específicos segmentos da população do país. Diante do quadro, afirma-se, então, que a possibilidade de um dia ameno nem sempre pode ser confirmada.

Outra música foi entoada por Laiane, que é de sua autoria, e intitulada “Por acaso eu não sou uma mulher” (Borges, 2021)³, cuja letra diz o seguinte:

³ A letra disponibilizada foi transcrita a partir da apresentação da cantora no fórum “Fé, Racismo e Igreja: a fé que nasce na experiência”, ocorrido em 2021, estando disponível na plataforma *youtube*.

Por acaso eu não sou uma mulher

Raio X em mim, minha pele toda acessa
Mesmo assim você finge que não vê
Mesmo que eu ande na rua, apareça toda de branco
Mesmo assim, você finge que não vê
Mas, por acaso, eu não sou uma mulher?
Por acaso eu não sou uma mulher?
Do meu ventre também jorra vida,
Esperança de um novo mundo
E você finge que não vê
Minha cor também brilha
Aparece em todos os cantos
E você, você finge que não vê
Mas por acaso eu não sou uma mulher? (3x)
Eu caminho pelo trilho só
Eu caminho com os meus
Eu caminho pelo trilho só
Eu caminho com os meus
Eu sou uma mulher (3x).

A canção remete a uma personagem considerada relevante na defesa dos direitos femininos: Sojourner Truth. Laiane informa que a composição foi possível também a partir da leitura de escritos de autoras negras – Djamila Ribeiro, Angela Davis, por exemplo – quando se deparou com o discurso de Sojourner Truth⁴ em algum livro. As leituras realizadas foram associadas com o vivenciado por ela, possibilitando, por fim, a composição.

Durante a entrevista, a cantora explicitou que sua criação dialoga com as múltiplas opressões enfrentadas pela mulher negra: de gênero, racial e religiosa, denunciando sua invisibilidade, inclusive nas igrejas. Não à toa, a canção retoma a famosa frase *Ain't I a woman?* (Eu não sou uma mulher?) atribuída a Sojourner Truth⁵. Ela aborda a invisibilidade da mulher, sobretudo por sua cor de pele, que

⁴ Trata-se de uma conferencista, abolicionista, pregadora e ativista política, que viveu no século XIX. Ela é referência para a reflexão não somente sobre negritude, mas especificamente sobre a mulher negra. Sojourner Truth aparece como figura inspiradora de acadêmicas como Bell Hooks (2019), Angela Davis (2016) e também Carla Akotirene (2019), que visita a figura de Truth em sua reflexão sobre pensamento feminista e interseccionalidade.

⁵ O discurso de Sojourner Truth, intitulado *“I am a woman's rights”* (“Eu sou um direito da mulher”) foi pronunciado na Convenção pelos Direitos das Mulheres em Akron, estado de Ohio, em junho de 1851. Um mês depois, o discurso foi publicado no jornal *Anti-Slavery Bugle* após revisão da autora – o mesmo está disponível na Biblioteca do Congresso Norte-Americano. Convém apontar que a frase *Ain't I a woman?* (Eu não sou uma mulher?) atribuída à Sojourner Truth tem tido repercussão e é constantemente citada no Brasil. Segundo Fonseca (2019), a frase *Ain't I a woman?* Integra a versão publicada por Frances Gage, em abril de 1863, no *The New York Independent*, e carrega imprecisão histórica, conforme a pesquisadora Nell Irvin Painter, especializada na história do sul-estadunidense. O *The Sojourner Project* (TSP) registra que a versão publicada por Frances Gage contém diversas alterações, incluindo a célebre frase acima transcrita, e ausentes da versão original, expressando uma imagem negativa acerca da fala da mulher negra (TSP, s/dt).

é fator de solidão, e o seu não reconhecimento como geradora de esperança e vida.

A canção possibilita compreender o olhar como instância de dominação e de desumanização do sujeito negro porque definido pela racionalidade colonial (Fanon, 2020). Segundo Hooks (2019), a hierarquização social baseada no sexo e na raça, que foi internalizada por norte-americanos, naturalizou a exploração sexual da mulher negra pelo homem branco, marcando a desvalorização de sua natureza, portanto, tendo ela menos valor e dignidade.

A condição da mulher negra tem sido questão de reflexão para brasileiras como Lélia Gonzalez (2020), cuja obra compreende a questão racial e focaliza a dominação racista e as exclusões que atingem as mulheres negras. Sobre estas, entende-se que o domínio colonial e o patriarcado devem ser mobilizados para o debate acerca da violência, da submissão, do desmantelamento da identidade racial, da coisificação da mulher negra e a negação de sua contribuição para a cultura nacional (Ribeiro, 2021; Carneiro, 2011).

Tais problematizações ganham no Brasil mais densidade, quando relacionadas com a democracia racial, que tem escamoteado a violência e a discriminação na sociedade brasileira, não poupando a mulher negra nas igrejas evangélicas – mesmo que ocupe cargos de liderança, conforme apontou Lélia Gonzalez (2020, p. 220, 221).

3. Teologias: caminhos

Ao fim do fórum “Fé, Racismo e Igreja: a fé que nasce na experiência”, realizado em 2021, a pastora Lídia Cavalcanti, da Igreja Batista Imperial, teóloga, pedagoga e gestora de educação em Recife (PE), observou como o encontro proporcionou a manifestação daquelas/es “envolvidos na militância, na relação com Deus e com aqueles que na nossa sociedade precisam do autorreconhecimento, de se perceberem como parte dessa comunidade, como parte de um povo que deve ser visto”. Ela enfatizou o encontro com o *Jesus negro*, assim definido não somente por sua origem geográfica, mas por trazer a “concepção de justiça, de equidade, aquele que tem o grito, que a voz que ecoa em favor dos que são marginalizados, dos excluídos, dos que são rejeitados pela sociedade”. Para a pastora, as igrejas precisam se voltar ao distanciamento da *segregação* e do *ódio*, visões que ainda hoje atingem alguns povos por causa de sua origem, cor da pele e sexo – como as mulheres, que podem ter a experiência com o divino, de adoração, de fala e também serem escutadas, reconhecendo-se como agentes de discurso.

A canção e o posicionamento da pastora têm a ver com o quadro de desigualdades de raça e gênero que perpassa o país e impacta as condições de trabalho, segurança, saúde, educação, previdência, moradia, por exemplo, de homens negros e mulheres negras. Isso é demonstrado pelo **Instituto de Pesquisa**

Econômica Aplicada (IPEA) no estudo com dados do período entre 1995 a 2015 (IPEA, 2021). Trata-se de problema que é descortinado e discutido por intelectuais negros/os e militantes, que se posicionam diante do racismo e suas implicações no cotidiano da população negra – sua saúde, educação e condições de trabalho, sobretudo da mulher negra (Gomes, 2020; Gonzalez, 2020; Nascimento, 2016). Esse quadro não é estranho a coletivos de evangélicos que enfrentam a discriminação racial nas igrejas, explicitando como ela está presente na teologia, na formação de liderança, na liturgia, na estética corporal e musical e afeta negros e negras evangélicos/as – trata-se de questão abordada desde os anos 1980 (Pinheiro, 2006; Floriano; Novaes, 1985).

Os coletivos evangélicos se voltam às figuras negras que têm corroborado para explicitar e problematizar o racismo na sociedade e na igreja, tais como Rosa Parks – defensora dos direitos civis – Sojourner Truth e Martin Luther King. Estes são vistos como inspiradoras/es por suas lutas e também por contribuírem para reformar a fé que professavam. Porém, elas/es são pouco lembradas/os nas igrejas evangélicas brasileiras, que, por exemplo, teriam excluído a contribuição de King para a luta contra a segregação racial (Trabuco, 2015).

Outro nome citado é o de James Cone – pastor e teólogo – que propôs uma interpretação do evangelho voltada aos oprimidos. Trata-se da Teologia da Liberação Negra, voltada à “afirmação da humanidade negra que emancipa os negros do racismo branco, proporcionando autêntica liberdade, tanto para as pessoas brancas, como para as pessoas negras” (Wilmore; Cone, 1986, p. 122).

Essa hermenêutica religiosa antirracista surgiu nos anos de 1960, nos Estados Unidos, que registrava a atuação de militantes contra a opressão da população negra, tais como: Malcon X, que tinha posicionamento mais enfático na resistência à população branca e ao racismo, e Stokely Carmichael, que atuou para a construção da política do poder negro.

A presença dessa teologia no Brasil não se restringe ao pobre, conforme a teologia da libertação, que caracteriza a vertente católica, pois considera a especificidade do racismo, do negro enquanto construção histórica e da discriminação racial na sociedade contemporânea. Tal posicionamento deve compreender a América Latina e abarcar elementos para a superação do racismo que afeta a existência das populações negras no sul global (Caldeira, 2019).

Para a teóloga Regina Sanches (2002), uma referência no meio evangélico, a teologia não deve se restringir à natureza divina, mas contemplar a relação entre a bíblia, a história e o contexto de vida. Isto é, trata-se de uma forma de entendimento do que seja o divino – e não o que ele é – conforme disse uma integrante do movimento negro evangélico do Rio de Janeiro (MNE/RJ), entrevistada em 2022.

Ainda segundo integrantes do MNE/RJ, as/os evangélicas/os com essa teologia buscam valorizar a *ancestralidade*, conhecendo e compreendendo a história do povo negro – enxergando a contribuição das religiões de matrizes

africanas –, resgatando a *negritude* – espiritualidade, cor da pele e cultura. Para elas/es, interessa a vigência de uma igreja não estranha à cultura, ao contexto comunitário e não alheia aos direitos humanos.

Além da ligação entre o evangelho e a temática racial, há outra vertente que fala da condição feminina, confrontando a leitura tradicional da bíblia que corrobora as opressões impostas às mulheres, conforme fica evidenciado com a canção de Laiane Borges e a exposição da pastora Lídia Cavalcanti. A teóloga colombiana Maricel Mena López, com reflexão sobre teologia negra feminista, destaca que o texto bíblico tem sido abordado como eficaz ferramenta para interpretar a luta e a resistência de povos negros e das mulheres negras. Ele é, então, a base para outra teologia negra e, principalmente, para a “reconstrução da consciência negra” (Mena-López *et al*, 2018, p. 130).

Para as/os evangélicas/os que se colocam contra o racismo e o sexismo, as igrejas históricas seguem um sistema de crença segundo o qual a verdade contida nas escrituras é suficiente para a condução das questões da fé e do cotidiano. Ao lado dessa teologia, há outra que tece a feição das igrejas neopentecostais, que se voltam ao alcance da prosperidade e também às batalhas contra o que entendem ser o mal. Essas concepções, relacionadas com igrejas norte-americanas conservadoras e algumas afinadas com o ideário neoliberal, constituem um dos pontos de diferenciação para a defesa da teologia negra. Para as/os evangélicas/os antirracistas, aquelas teologias marcam o fundamentalismo em vigor em algumas igrejas e ainda caracterizam sua teologia e espiritualidade, que têm sido denominadas por alguns como *necroteologia* e *necroespiritualidade* (Augusto, 2019). Elas são afirmadas e disseminadas por igrejas consideradas tolerantes com as *injustiças históricas*, incluindo o desprezo por crenças e modos de vida considerados não cristãos.

A vertente evangélica caracterizada pela defesa do antirracismo e contra o sexismo está no centro de uma tensão, pois há líderes que se posicionam contra o que chamam de “relativismo moral e teológico”, assim como os direitos pluralistas. Eles acusam os evangélicos antirracistas de levarem concepções *seculares* e *heréticas* para o interior do meio religioso (Ferreira, 2020).

As elaborações integram e ressaltam posições diferenciadas e que cooperam para pensar na vigência de confrontos e escolhas teológicas que perfazem uma encruzilhada, que já ocorreu em outros momentos⁶.

⁶ Sobre confrontos teológicos, Antônio Gouvêa Mendonça (2005) observa como no Brasil, a partir dos anos de 1950, houve a chegada de diferentes teologias, marcando a encruzilhada evangélica. Essas teologias entraram nas casas e nos seminários, caracterizando igrejas conservadoras. Aquelas identificadas como conservadoras, opondo-se ao ecumenismo e à atuação comunitária da igreja – defendida por universitários e jovens pastores –, enfatizavam a salvação e o distanciamento de utopias, da ação na sociedade e eram defensoras da diferenciação a partir da “apartação do mundo”. Ainda cooperou com esse cenário, a disseminação de igrejas voltadas a fortalecer a doutrina da cura divina e ainda prometer o exorcismo dos males que afligiam a população empobrecida. Tudo isso corroboraria o fortalecimento de igrejas comprometidas com a manutenção de estruturas sociais desiguais e pouco afeitas à cultura nacional.

4. Cristianismo e segregação

A apreciação da atividade musical entre as/os evangélicas/os tem viabilizado refletir sobre o debate acerca da relação étnico-racial e o cristianismo. Trata-se de um tema que tem mobilizado também pesquisadores que apontam para as concepções acerca das tradições culturais negras, sobretudo no protestantismo dos Estados Unidos e do Brasil, como será visto a seguir.

As igrejas protestantes norte-americanas exerceram evangelização considerada rigorosa, em especial, atingindo as crenças e os rituais africanos (Eliade; Couliano, 2003). Tais igrejas impuseram fortes ações assimilacionistas e de controle, que provavelmente ajudaram a alterar as manifestações culturais negras – como o uso de instrumentos de percussão. No entanto, a tradição musical afrodiáspórica teve forte contribuição para a sociedade norte-americana (Morgan, 1998).

A relação entre cristianismo, incluindo a versão protestante, segregação e escravidão não é extraordinária. Achille Mbembe (2014, p. 118) observa que o cristianismo constitui uma feição do colonialismo que, tal como esse, combina terror e salvação. A conquista de terras e a civilização de povos vistos como “inferiores e selvagens” e sua apresentação ao evangelho era entendida como importante para que os considerados selvagens pudessem “ultrapassar as trevas” nas quais viviam.

Apesar dessa perspectiva assimilacionista, o cristianismo terminou por ser reelaborado por populações negras, que têm se posicionado sobre as “formações raciais” e “minorias históricas”, tendo-se a teologia política negra (Mbembe, 2014, p.118, 293, 294). Nessa perspectiva, reflexões sobre o cristianismo afro-americano consideram a música sacra relevante para a sobrevivência emocional e espiritual da comunidade negra. Ela fala sobre as experiências de vida espiritual num sistema baseado na escravização humana, na propriedade de terras e no comércio (Reagon, 2001; Young, 1998).

Mulheres negras e homens negros que participam das diversas igrejas que integram o meio evangélico no Brasil evidenciam as relações raciais como tema relevante diante de situações de racismo e discriminações por elas/es enfrentadas. Diversas/os entrevistadas/os afirmam que a participação negra nas igrejas evangélicas corrobora as diferentes experiências de espiritualidade e de religiosidade, que têm sido o foco de suas atuações. Não se pode tratar isso como algo desimportante, pois esse meio religioso conta com significativa presença negra, conforme registram os censos de 2000 e 2010 (IBGE, 2012, 2003).

Num país, onde o racismo e a mestiçagem consistem em eficazes instrumentos de hierarquização de culturas e povos, que historicamente impactou a economia, a política, a educação, a ciência, o direito, a imprensa (Ferreira, 1999; Maggie, 1992; Dantas, 1988), a religião não deixou de ser abarcada. Pesquisas evidenciam que a atuação protestante no país marca o início do século XIX com atendimento espiritual aos fiéis e também como alternativa educacional para a

população branca diante do ensino escolar propiciado pelo catolicismo. Ao contrário disso, negras e negros frequentavam as igrejas protestantes com o acompanhamento dos senhores, que eram pouco receptivos às tradições afro-brasileiras (Cruz, 2019; Barbosa, 2002).

As igrejas missionárias oriundas do sul dos Estados Unidos instaladas no Brasil, no século XIX, bem ambientadas com a escravidão e a segregação, estavam voltadas a integrar, a converter o negro à “cultura protestante”, visando ultrapassar a “degeneração de costumes”, posto que considerados opostos à “virtude cristã”. A atenção dispensada tinha por objetivo não a emancipação, mas incutir a resignação com sua condição, com a submissão ao trabalho em prol de senhores considerados piedosos e que ainda conduziam um regime considerado ameno e paternalista (Barbosa, 2002, P. 155; Novaes; Floriano, 1985). Tudo isso tinha a ver com a desvalorização que atingia os africanos e seus descendentes, incluindo a memória e as expressões culturais. Apesar dessa concepção assimilacionista, as memórias musical e religiosa sobreviveram, resultando nas religiões de matrizes afro-brasileiras e numa rica musicalidade percussiva (Munanga, 2020).

As tradições afro-brasileiras permanecem no centro de tensões e conflitos, devido à orientação e à atuação de algumas igrejas que expressam doutrinas e teologias voltadas ao combate da espiritualidade afro/negra, a promoção de cura e a oferta da prosperidade – que dissemina uma ética de vida contra a pobreza e a miséria num capitalismo baseado no mercado informal de trabalho (Bigon, 2020; Medeiros, 2020; Contins, 1995; Novaes; Floriano, 1985).

Essas igrejas cooperam para a manutenção do racismo e das desigualdades, ficando isso evidente com as/os afroreligiosas/os que denunciam e se organizam contra as violações praticadas por igrejas evangélicas e seus membros (Miranda, 2021). Por sua vez, há igrejas que investem em estratégias que abarcam símbolos e elementos da cultura afro-brasileira, esvaziando-os de seus conteúdos étnicos, incorporando-os às suas práticas cultuais/culturais, com os seus significados alterados, esvaziados ou invertidos (Montes, 2013; Gonçalves da Silva, 2007).

Finalizando

As inscrições do *funk gospel* e da *música negra gospel* favorecem indagar sobre a contribuição do *gospel* para a consciência racial – se coopera com algo como registrado nos *bailes black*, nos anos de 1970 (Nascimento, 2016; Alberto, 2015; Gonzalez, 1982). Como visto, trata-se de uma questão complexa, haja vista os diferentes posicionamentos daqueles envolvidos com a *música gospel*, sobretudo diante do objetivo de atuar e converter as juventudes e, para tanto, utilizar sonoridades afrodiáspóricas.

Pode ser que a tomada de bens culturais afros/negros nem sempre queira afirmar a importância política da etnicidade – os aspectos culturais de um grupo –

, problematizar o racismo e sua relação com as desigualdades raciais, as discriminações dirigidas à população negra e suas expressões culturais (Sansone, 2004). Estas podem ser apropriadas, esvaziadas e ressignificadas quando se trata de disputa no campo religioso – vide o que ocorre com a capoeira e o acarajé. Isso tem a ver com um *ethos* religioso belicoso e indiferente às questões históricas e políticas, que atingem fortemente parte de seus integrantes (Montes, 2013; Gonçalves Da Silva, 2007).

Para alguns artistas, a *música negra gospel* tem ido além, pois veicula abertamente ritmos, melodias e rimas relacionadas com as heranças afrodiaspóricas num meio reconhecidamente pouco receptivo. Ela muito contribui para evangelizar e isso proporciona disseminar mensagens de fé, de esperança em outra realidade, sobretudo para os jovens periféricos.

Igualmente foi visto que a música e a literatura especializada cooperam com as reflexões que as mulheres negras evangélicas realizam sobre seu meio religioso e como elas têm questionado a leitura conservadora sobre a bíblia, a espiritualidade hegemônica, o racismo e o machismo (Anjos, 2021).

A atuação antirracista evangélica, que não é recente, registra ainda o compartilhamento de uma gramática comum aos movimentos sociais contemporâneos, como, por exemplo, *feminismo, antirracismo, antissexismo, racismo religioso, direitos humanos, cidadania, reparação histórica e democracia*. Ocorre igualmente a ambientação com uma literatura crítica sobre o exercício do poder, viabilizando a inserção de neologismos, a fim de criticar e ignorar a religião, a espiritualidade e a teologia que justificam a destruição do outro. Assim, recorre-se ao conceito elaborado por Mbembe para analisar as políticas estatais como políticas de morte, especificamente, quando voltadas a grupos ou às populações minoritárias (Mbembe, 2016).

Essas categorias não deixam de integrar as críticas dirigidas à teologia e à cosmologia evangélica, que impulsionam reações de líderes preocupados com o que entendem por princípios religiosos. Tais apreciações evidenciam como elas, teologia e cosmologia, podem ser vistas como uma vertente da colonialidade cosmogônica que corroborou a hierarquia baseada na raça, delimitou e marcou índios e negros como seres não humanos (Walsh, 2017).

O posicionamento antirracista visa menos ao proselitismo e mais ao *ethos* evangélico, porque é entendido que a fé deve estar direcionada às questões sociais (Alencar, 2019). Pode ser entendido que isso integra uma agenda voltada a não confirmar os “mecanismos de práticas discriminatórias” que caracterizam o evangelismo conservador, que também tem forte presença na política nacional (Machado, 2021, p. 87).

A concepção de religião contextualizada tem possibilitado difundir a reivindicação da *reparação dos danos da escravidão*, questão presente nas organizações do movimento negro brasileiro (Pinheiro, 2020). Ela compreende um leque de questões: a reelaboração teológica – reconhecer a *matriz africana* do

cristianismo –, o respeito à cultura, à espiritualidade negra e o combate ao racismo institucional, ao racismo religioso, ao genocídio da juventude negra e ao feminicídio.

As iniciativas apreciadas revelam como os limites de um meio religioso não são rígidos e ele pode ser visto como “território de estranhas misturas”, pois nele podem ser retomadas antigas práticas de devoção; ainda nele, podem ser incorporadas e ressignificadas práticas, categorias de outras épocas, de outras vertentes e origens (Montes, 2013). Isso possibilita compreender que as tensões podem proporcionar um “campo de possibilidade”, porque rompe com as construções binárias, com os autoritarismos do passado, colocando e reconhecendo a diferença, o diálogo e modos de invenção de enfrentamento desse saber e força voltados à submissão do outro (Rufino, 2019). Assim, a música no meio evangélico pode ser considerada como algo que não fala somente para o espírito, ostentando outra feição quando entendida como importante para a reflexão acerca das injustiças e da segregação, bem como para colaborar para um futuro menos desigual.

Referências

ALBERTO, Paulina. **Quando o Rio era black: soul music no Brasil dos anos 70.** *História: Questões & Debates*, v. 63, n.2, p. 41-89, 2015.

ALENCAR, Gustavo. Grupos protestantes e engajamento social: uma análise dos discursos e ações de coletivos evangélicos progressistas. **Religião e Sociedade**, v.39, n.3, p. 173-196, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ANJOS, Simony. Coletivos de mulheres negras evangélicas e a disputa pelo espaço público da religião. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/coletivos-de-mulheres-negras-evangelicas-e-a-disputa-pelo-espaco-publico-da-religiao/> . Acesso em: 04 jul. 2022.

AUGUSTO, Jackson. Necroespiritualidade, necroteologia e os pecados de morte. *Novos Diálogos*. Disponível em: <https://novosdialogos.com/artigos/necroespiritualidade-necroteologia-e-os-pecados-de-morte/>. Acesso em: 05 jul. 2022.

BANDEIRA, Olívia. Música gospel no Brasil – reflexões em torno da bibliografia sobre o tema. **Religião & Sociedade**, v. 37, n. 2, p. 200-228, 2017.

BARBOSA, J. Carlos. **Negro não entra na igreja: espia da banda de fora.** Protestantismo e escravidão no Brasil Império. Piracicaba: Ed. Unimep, 2002.

BARBOZA, Vanessa M.G. Pretas cristãs: reflexões sobre o processo de autoformação no movimento progressista evangélico. 2019. **Dissertação.**

Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidade, UFRP, Recife, 2019.

BIGON, João M.S. Entre a cruz e a encruzilhada: a comunidade negra evangélica e as propostas decoloniais de construção de mundo. 2020. **Dissertação**. Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET, Rio de Janeiro, 2020.

BORGES, Laiane. **Por acaso não sou uma mulher?** 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lkMfQx0MbZo>. Acesso em: 12 nov. 2021.

BURDICK, John. **The color of sound: race, religion, and music in Brazil**. New York; London: New York University Press, 2013.

BURDICK, John. Pentecostalismo e identidade negra no Brasil: mistura possível? *In*: MAGGIE, Yvonne; REZENDE, Claudia (Orgs.). **Raça como retórica - a construção da diferença**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p.186-212

CALDEIRA, Cleusa. Teologia negra: a fenomenologia do damné como caminho de humanização. **Horizonte**, v. 17, ed.53, p. 991-1020, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In*: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS & TAKANO CIDADANIA (Orgs.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

CÉSAR ÉL. **O pescador de almas**. Rio de Janeiro: Gálatas Music, 1997. CD. 10 faixas (42 min).

CONTINS, Márcia. Tornando-se pentecostal. Um estudo comparativo sobre pentecostais negros nos EUA e no Brasil. 1995. **Tese**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

COSTA, Lidiane C. A ação política em organizações negra da Bahia: velhos e novos dilemas da ação coletiva. **Dissertação**. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CUNHA, Christina Vital *et al.* **Religião e política: medos sociais, extremismo religioso e as eleições 2014**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll; Instituto de Estudos da Religião, 2017.

DANTAS, Beatriz G. **Vovô Nagô e papai branco - usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DAVIS, Ângela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIVINO, Rúbia. Amenidades. *In*: DIVINO, Rúbia. **CD Transborda**. Colmeia 22. 2021. 1 CD. Faixa 2 (4 min 54). Disponível em: <https://open.spotify.com/album/2b6uX1sURoZe8xvYmV4PrV>. Acesso em: 23 set.

2022.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Revista Tempo*, v.12, n.23, 2007.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan. *Dicionário das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: UBU Editora, 2020.

FERREIRA, Franklin. A infiltração dos ‘cristãos progressistas’ na Igreja Cristã. 2020. Disponível em: <https://coalizaopeloevangelho.org/article/a-infiltracao-dos-cristaos-progressistas-na-igreja-crista/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

FONSECA, Luciana C. *Direitos das mulheres: os discursos de Sojourner Truth em tradução*, 2019. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/coluna/migalaw-english/307474/direitos-das-mulheres--os-discursos-de-sojourner-truth-em-traducao>. Acesso em: 18 jul. 2022.

GOMES, Nilma Lino. A força educativa e emancipatória do movimento negro em tempos de fragilidade democrática. *Revista Teias*, v. 21, n. 62, p. 360-371, 2020.

GONÇALVES DA SILVA, Vagner. Prefácio ou notícias de uma guerra nada particular: os ataques neopentecostais às religiões afro-brasileiras e aos símbolos da herança africana no Brasil. In: GONÇALVES DA SILVA, Vagner. *Intolerância religiosa. Impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007. p. 9-29.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. *Eu não sou uma mulher? Mulher negra a feminismo*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

IBGE. Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=3&idnoticia=2170&view=noticia>. Acesso em: 18 ago. 2021.

IBGE. *Censo demográfico 2000: características gerais da população*. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

IPEA. *Retrato das desigualdades de gênero e raça*. 2021.

MACHADO, Maria D. C. A identidade evangélica em disputa. *Debates do NER*, ano 21, n. 39, p. 83-89, 2021.

MAFRA, Clara. A ‘arma da cultura’ e os ‘universalismos parciais’. *MANA*, v.17, n. 3, p.607-624, 2011.

MAGGIE, Yvonne. **O medo do feitiço**. Relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona editores refractários, 2014.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios - Revista do PPGAV/EBA/UFRJ**, n. 32, p. 123-151, 2016.

MEDEIROS, Vitor Q. Comentários sobre a igreja evangélica brasileira. **Revista Rosa**, v.2, n .01, 2020.

MENA-LÓPEZ, Maricel *et al.* Bíblia e descolonização: leituras de uma hermenêutica bíblica negra e feminista de libertação. **Mandrágora**, v.24. n. 2, p. 115-144, 2018.

MIRANDA, Ana Paula M. A multidimensionalidade dos conflitos e seus efeitos na produção de políticas (de ‘terreiros/cristofacistas’): algumas respostas, outras questões. **Debates do NER**, ano 21, n. 40, p. 211-234, 2021.

MONTES, M. Lúcia. **As figuras do sagrado**: entre o público e o privado na religiosidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

MORGAN, Phillip D. **Slave counterpoint - Black Culture in the Eighteenth-Century Chesapeake and Lowcountry**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1998.

MNE/PE. **Fórum Fé, Racismo e Igreja**. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lkMfQx0MbZo>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MUNANGA, Kabengele. As religiões de matriz africana e intolerância religiosa. **Crítica e Sociedade: Revista de Cultura Política**, v. 10, n. 1, p.?, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro** – processo de um racismo declarado. 3.ed.São Paulo: Perspectivas, 2016.

NOVAES, Regina; FLORIANO, Maria das Graças. **O negro evangélico**. Rio de Janeiro: Iser, 1985.

ONORATO FILHO, Francisco. Minha vida não para. In: ONORATO FILHO, Francisco (JC). CD **Minha vida não para**. Rio de Janeiro: Gravadora Graça Music, 2004. 1 CD, Faixa 3 (4 min 16) - licenciado por Francisco Onorato Filho. 2205741108796.

PINHEIRO, Márcia L. Dinâmicas da religiosidade: experiências musicais, cor e noção de sagrado. In: López, L.Á.; Thylefors, M.; Wedel, J. (Orgs.). Representaciones y expresiones religiosas afro-latinoamericanas. **Stockholm Review of Latin American Studies**, n.4, p. 61-72, 2009.

PINHEIRO, Márcia L. Com 'os nossos ancestrais': luta e gramática no reconhecimento de lugar de remanescentes humanos no Rio de Janeiro. **Século XXI - Revista De Ciências Sociais**, v. 9, p. 446-480, 2020.

PINHEIRO, Márcia L. Música, religião e cor – uma leitura da produção de *black music gospel*. **Religião e Sociedade**, v.27, n.2, p. 163-180, 2007.

PINHEIRO, Márcia L. Na 'pista' da fé: música, festa e outros encontros culturais entre os evangélicos do Rio de Janeiro. 2006. **Tese (Doutorado em Antropologia)** - PPGSA/IFCS, UFRJ, 2006.

PINHEIRO, Márcia L. O proselitismo evangélico: musicalidade e imagem. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, v. 7, n. 2, p. 57-67, 1998.

PINHEIRO, Márcia L.; FARIAS, Carine L. O Funk abençoado: apropriação musical, trajetória religiosa e carreira musical de MC Polliana Gospel Funk. **Religião e Sociedade**, v.39, n.03, p. 34-57, 2019.

RIBEIRO, Kátiuscia. 'Mulherismo africana': 'Proposta emancipadora'. Entrevista concedida a Chico Alves. Portal Geledés, 07/06/2021. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/katiuscia-ribeiro-explica-o-mulherismo-africana-proposta-emancipadora/>. Acesso em: 19 ago. 2022.

REAGON, Bernice J. **If you don't go, don't hinder me: the African American sacred song tradition**. Lincoln: University of Nebraska Press, 2001.

REINA, Morgane L. Pentecostalismo e questão racial no Brasil: desafios e possibilidades do ser negro na igreja evangélica. **PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP**, v.24, n.2, p.253-275, 2017.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas # 7 • Luiz Rufino (Carrego Colonial)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w88cU4uYjAU&t=113s>. Acesso em: 12 jul. 2019.

SANCHES, Regina de C. F. Teologia e missão: apontamentos para uma Teologia da Missão. **Revista Teologia Prática**, v.1, n.1, p. 27-29, 2002.

SANSONE, Lívio. **Negritude sem etnicidade: o local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil**. Salvador; Rio de Janeiro: Edufba; Pallas, 2004.

SANTOS, Joel Rufino dos; BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Atrás do muro da noite: dinâmica das culturas afro-brasileiras**. Brasília: Ministério da Cultura; Fundação Cultural Palmares, 1994.

SILVA, Hernane F. **O movimento negro evangélico: um mover do Espírito Santo**. São Paulo: Selo Editorial Negritude Cristã, 2011.

SILVA, Sidney da; PEIXOTO, Marcos P. de J. Rap da felicidade. *In*: SILVA, Sidney da; PEIXOTO, Marcos P. de J. **Eu só quero é ser feliz**. Rio de Janeiro: Columbia, 1994. LP. Faixa 1 (5 min. 09).

TAVARES, Elvis. Biografia de Alvaro Tito é lançada pela editora Ágape. Disponível em: <https://lcagencia.com.br/biografia-de-alvaro-tito-e-lancada-pela-editora-agape/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

TSP. *Compare the two speeches*, s/dt. The Sojourner Project. Disponível em: <https://www.thesojournertruthproject.com/compare-the-speeches>. Acesso em 10 jul. 2022.

TRABUCO, Zózimo A. P. “À direita de Deus, à esquerda do povo”: protestantismos, esquerdas e minorias em tempos de ditadura e democracia (1974-1994). **Tese**. Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2015.

WALSH, Catherine. **Entrejeiando lo pedagógico y lo decolonial**: luchas, caminos y siembras de reflexión-acción para, resistir (re)existir y (re)vivir. Bucalagrande, Colombia: Alter/nativas, 2017.

WILMORE, Gayraud; CONE, James H. **Teologia Negra**. São Paulo: Paulinas, 1986.

YEHOSHUA. **Sangue bom**. Rio de Janeiro: Mk Publicitá, 1992. LP. 8 faixas (31 min 14 - lado A e B).

YOUNG, Alan. **Woke me up this morning**: black gospel singers and the gospel life. Jackson: University Press of Mississippi, 1997.

Submetido em 15/10/2022

Aceito em 02/05/2023